

Nome da Escola/ Jardim:	DVP
Tipo de recurso pedagógico:	Atividade de desenvolvimento social e emocional (por exemplo, cenário de dramatização, círculo de partilha, jogo cooperativo, exercício de resolução de problemas)
Nome do recurso pedagógico:	Mediação de conflitos entre crianças
Grupo etário a que se destina:	Dos <u> 3 </u> aos <u> 7 </u> anos de idade
Número de alunos envolvidos:	Min <u> 2 </u> Max <u> </u>
Número de professores envolvidos:	Min <u> 1 </u> Max <u> </u>
Duração:	Todo o ano
Descrição do recurso pedagógico:	<p>Ao orientar as crianças no processo de negociação, o adulto faz a mediação, repetindo e sublinhando o que as crianças dizem, ensinando-as a perguntar, a responder, a dizer o que querem ou não querem, em vez de agarrar e bater. Assim, ajuda as crianças a ouvir o que a outra pessoa disse, o que querem, o que as incomoda e a dizer claramente o que querem... Ensina-as a escutar e a dizer “eu”.</p> <p>Entrar em conflitos e ter comportamentos agressivos em crianças pequenas significa sempre defender algo ou lutar por algo. Só em situações de conflito é que a criança pode aprender que os conflitos e a sua superação são uma parte quotidiana da vida e que não têm de ser sinónimo de desastre. Se uma criança entra em conflito com os seus colegas, isso não significa que se vai tornar num rufia. Muitas vezes, na literatura e nas revistas populares, são dadas instruções sobre como não interferir nos conflitos das crianças, porque desta forma as crianças aprenderão a resolvê-los sozinhas. Quando as crianças resolvem os conflitos sozinhas, muitas vezes transforma-se numa luta, normalmente um ganha e o outro perde. Normalmente, um ganha e o outro recua. As crianças pequenas não conhecem o compromisso ou uma solução de colaboração (ganha-ganha), perdem muito - é preciso ensinar-lhes isso de alguma forma. Também ouvimos frequentemente os adultos dizerem às crianças: cheguem a um acordo! Será que as crianças pequenas sabem negociar? O acordo é precedido de uma conversa, de uma negociação. Não o conseguem fazer sozinhas, precisam de um adulto para o fazer. É por isso que é muito importante que o educador do grupo medeie os conflitos das crianças. Como é que um educador pode mediar um conflito entre crianças pequenas? Em termos simples, ele é o terceiro entre as duas partes em conflito. O seu papel é ajudar as crianças a reconhecerem as suas próprias necessidades e as dos outros e, em conjunto, encontrarem uma solução que as satisfaça - a ambas. É importante que o educador seja tão neutro quanto possível e que não tenha em mente a “melhor” solução. O processo é mais importante do que a solução. Acontece frequentemente que as partes em conflito encontram uma solução em que o adulto não pensou de todo ou que acha engraçada, invulgar. As crianças em conflito querem algo, apenas isso e nada mais está fora de questão - apenas aquela boneca e pronto! Não há necessidade de investigar de quem é o</p>

boneco, quem é o primeiro, há quanto tempo alguém está a brincar. São precisos dois para lutar e todos são parcialmente responsáveis por isso. Ao orientar as crianças no processo de negociação, o adulto faz a mediação repetindo e sublinhando o que as crianças dizem, ensinando-as a perguntar, responder, dizer o que querem ou não querem, em vez de agarrar e bater. Assim, ajuda as crianças a ouvir o que a outra pessoa disse, o que querem, o que as incomoda e a dizer claramente o que querem... Ensina-lhes a ouvir e as mensagens “eu”. Por exemplo: Ana, estás a ouvir o que a Iva está a dizer? Iva, diz à Ana para ouvir com atenção o que tu queres. A Iva diz que também quer brincar com aquela boneca. Ana, diz-lhe o que te está a incomodar. Ana diz que lhe dói quando a empurras. O mediador, como “megafone”, limita-se a repetir o que foi dito (não interpreta “a Ana tem dores”, mas diz “a Ana diz que tem dores”) e verifica se a outra parte ouviu. Pede às crianças que digam o que querem e o que as incomoda, que falem com palavras e não com empurrões, agarrões, pancadas. Conclui: “Então, vão os dois brincar com essa boneca”. E o que é que vão fazer agora? Duas meninas podem brincar com uma boneca? Nesta altura, ambas já se “acalmaram” e podem fazer a proposta, e o adulto continua a verificar se se ouviram uma à outra e o que têm a dizer sobre a proposta... É possível que Iva queira de facto brincar com Ana, mas não sabe como abordá-la. Numa conversa em que as crianças são escutadas, ouvidas e vistas, mostram muito rapidamente o que realmente querem e encontram uma solução que as satisfaça. Baseia-se numa das três necessidades psicológicas básicas, que pode ser satisfeita de várias formas. É assim que se aprende a falar e a negociar. O professor conhece todas as crianças do grupo. Ele pode avaliar se as crianças conseguem resolver o conflito sozinhas ou se ele se vai envolver imediatamente ou esperar um pouco... É claro que, se vir um confronto físico, não vai esperar, mas vai pará-lo imediatamente e separar as crianças até se acalmarem. Por vezes, é mais importante dar tempo e espaço às crianças do que resolver imediatamente a discussão, porque o conflito pode muito facilmente reacender-se. Se quisermos que as crianças aprendam alguma coisa com esta situação, é melhor esperar que as emoções se “acalmem”. É também importante reconhecer se alguém é sempre derrotado, ou se se retrai sempre, se concorda com o domínio do outro, para que os pais possam proteger, reforçar, ensinar a assertividade. É por isso que as crianças devem ser encorajadas a pedir diretamente o que querem e a dirigirem-se diretamente umas às outras. Deve-se encorajar alguém a não ceder um brinquedo ou um lugar a um agressor (estou a brincar com isto agora, dou-to mais tarde. Agora estou aqui sentado e não gosto que me empurrem). Os agressores param quando não conseguem o que querem, ou seja, quando a “vítima” não é passiva, mas se opõe claramente (verbalmente). Nos casos em que houve algum tipo de dano ou em que alguém foi magoado, depois de resolvido o conflito, as crianças podem ser ajudadas a procurar, em conjunto, uma forma de a pessoa que cometeu o dano o reparar, compensar e compensar. A este procedimento chama-se restituição. E, mais uma vez, é importante que as crianças encontrem uma solução com a mediação do educador, e não com o julgamento. O sentido de justiça e de reparação de uma criança pode ser muito

	<p>diferente do que parece ser uma boa solução para um educador. É importante que o educador vigie a negociação da forma de reparar o dano e se certifique de que está dentro dos limites da realidade, perguntando, por exemplo: O que é que te ajudaria a sentir melhor? Para o corrigir? O que é que podias fazer para que o Pedro se sentisse melhor depois de teres rasgado o desenho dele? Se não te lembrares de nada, podes dizer, por exemplo: Tenho uma sugestão, queres ouvi-la? Pode trazer-lhe papel limpo e lápis de cor para desenhar um novo desenho e colocá-lo no quadro. Não significa que as crianças concordem com a proposta de um adulto. Regra geral, o “lesado” fica satisfeito quando o seu amigo lhe dá uma “indenização”. Para que as crianças compreendam o conceito de restituição, pode ler-se o livro ilustrado Brigitte Weninger - O que fizeste, Davy? Se as deixarmos fazer os seus próprios arranjos, as crianças não aprendem estas competências sociais. Repetem o que sabem, resolvem os conflitos da mesma forma e não conseguem inventar nada de novo se não forem ensinadas a fazê-lo. Está provado que este tipo de intervenções junto das crianças pode ser eficaz para a aprendizagem de competências sociais como o respeito e a compreensão das perspetivas dos outros, a empatia, a capacidade de negociação, a assertividade, a restituição e o controlo dos impulsos agressivos.</p>
<p>Resultados/benefícios esperados:</p>	<p>Melhor desenvolvimento das competências de negociação, de auto-representação, de escuta das necessidades das outras crianças, de empatia.</p>